

## RESENHA

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Chrystian Bísvaro <sup>1</sup>  
Luis Miguel Luzio dos Santos <sup>2</sup>

Como sugere o subtítulo da obra “repensar a reforma, reformar o pensamento”, o autor propõe a reforma das mentes, que pode ser orientada através da educação reformada, que requer uma abordagem dialógica que conecte e inclua as diferentes disciplinas, saberes e ciências, favorecendo assim, a compreensão dos problemas contemporâneos que são cada vez mais globais e complexos. Morin (2003) defende que o ensino não deve limitar-se a mera transmissão de um saber, mas uma cultura que considere, ao mesmo tempo, o objeto e o contexto sócio-histórico em questão, possibilitando assim um modo de pensar aberto e livre.

O primeiro capítulo do livro apresenta três desafios contemporâneos – globalidade, complexidade e a expansão descontrolada dos saberes – que apresentam-se como um problema a ser superado em relação à organização dos saberes. Para o autor, a separabilidade dos saberes, que tem origem na lógica clássica cartesiana, tornou-se uma grave inadequação diante das realidades multidimensionais na era planetária atual. O pensamento complexo, não deve associado à complicação, mas tem sua origem do latim “complexus” que significa “o que é tecido junto” (MORIN, 2015). Dessa forma, a hiperespecialização, que considera apenas uma parte do problema (do todo) e portanto, traz intrinsecamente o pensamento analítico e fragmentado da realidade, não permite que problemas globais sejam compreendidos, visto que os mesmos devem ser pensados a partir de seus contextos e não de maneira isolada. Além disso, a complexidade busca integrar aquilo que foi disperso, e nesse sentido, os componentes dos saberes que constituem o todo devem ser vistos a partir de uma grande teia na qual estão inter-relacionados e são interdependentes. Dimensões econômicas, políticas, sociológicas, psicológicas, afetivas,

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Contábeis (UEL), Mestre em Administração (UEL), Instituição: Universidade Estadual de Londrina (UEL), [chrystianbiscaro@gmail.com](mailto:chrystianbiscaro@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduado em Ciências Econômicas (UEL) e em Administração (UEL), Mestre em Administração (UEL), Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP), Pós-doutor em Ciências Sociais (Núcleo de Estudos da Complexidade – PUC-SP), Instituição: Universidade Estadual de Londrina (UEL), [lmig@uol.com.br](mailto:lmig@uol.com.br)

mitológicas, entre outras, passam a ser compreendidas a partir da realidade multifacetada e sistêmica. Interessante observar que, ao mesmo tempo que o conhecimento hiperespecializado é um problema apresentado pelo autor, a expansão descontrolada do saber também constitui um problema a ser enfrentado. O autor reflete que na contemporaneidade existe uma enxurrada de informações (que são parcelas dispersas de saberes) e que isso impossibilita o conhecimento – que traduz-se como as informações organizadas a partir do contexto destas. Assim, Morin (2003) conclui a necessidade de se reformar o ensino que deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento, por sua vez, leva à reforma do ensino, como um circuito recursivo e repleto de probabilidades para seu desenvolvimento.

No capítulo seguinte, o autor busca apresentar a necessidade imperativa de restaurar-se os níveis de ensino, sendo que, no seu entendimento, deve-se mobilizar, integrar, acolher, no campo da educação, as culturas científicas e as culturas das humanidades. Partindo do entendimento de que o ensino deve contribuir para “uma cabeça bem-feita” ao invés de “uma cabeça bem cheia”, o autor sugere que mais vale desenvolver uma aptidão geral para alocar e abordar os problemas, ao mesmo tempo que, o pesquisador possa dispor de princípios de organização que possibilitem conectar os saberes e lhes dar sentido, em detrimento de “uma cabeça bem cheia” de saberes acumulados, mas que estão desconexos e não fazem sentido algum para aquele que os detém. Por sua vez, a conexão entre os saberes dar-se-á a partir do encorajamento e desenvolvimento de aptidões que interroguem os problemas fundamentais da nossa existência e de nossa época, o que na visão do autor, não pode ser concretizado senão pela força propulsora da educação. Assim, a aptidão que o autor refere-se está relacionada com a capacidade de contextualizar e globalizar os saberes que, tradicionalmente, foram dispersos na nossa civilização. Esse novo espírito científico, transdisciplinar, apresenta-se como uma virada paradigmática e ganha forças a partir dos anos 60, onde disciplinas científicas, a partir do pensamento sistêmico, consideraram os múltiplos saberes para a busca de respostas às diversas interrogações humanas, e assim, as Ciências da Terra, a Ecologia e a Cosmologia, são exemplificadas pelo autor como dimensões renovadas das ciências naturais que unificaram diversos saberes, rompendo

portanto, com as ciências tradicionais que buscavam através de um paradigma reducionista a produção de conhecimento.

Nesse contexto, o enfoque para o entendimento da condição humana ganha espaço no terceiro capítulo que busca demonstrar que a compreensão dos seres humanos requer a tomada de consciência de seu aspecto complexo, uma vez que somos simultaneamente cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais... Tal perspectiva, contribui para o desenvolvimento consciente de que a espécie humana faz parte da natureza assim como a natureza faz parte da espécie humana, o que por sua vez oportuniza a compreensão humanística e ética de sua complexidade e contribui para o abandono do pensamento dicotômico ser humano-natureza que tenta a dominação daquele por este. O desafio para o ensino, em torno da condição humana, encontra-se na busca de uma integração das ciências naturais, das ciências humanas, da cultura das humanidades e da Filosofia, afim de que chegue-se ao entendimento consciente de seu caráter complexo.

Os dois capítulos seguintes, destinam-se à apresentar que o campo da educação envolve muito mais do que a transmissão de conhecimento, mas que deve “ensinar a viver”, o que envolve oportunizar ao estudante a possibilidade de transformação do conhecimento adquirido em “sapiência” (que engloba sabedoria e ciência), e ainda da incorporação sapiência para toda a vida. Para isso, o ensino precisa ser orientado a partir de uma visão ampla da condição humana, entendendo que o ser humano é ao mesmo tempo, *homo sapiens* e *homo demens*, que transita entre emoção e razão, entre o real e o imaginário, que o conhecimento advém da ciência mas também da arte, da literatura, da filosofia e de tantos outros saberes. É assim, através da integração de fatores subjetivos, que envolvem também sentimentos, que pode-se, segundo o autor, compreender-se a complexidade humana, e não apenas através da mera explicação reducionista difundida através de ciências clássicas que pretenderam impor-se como verdades absolutas, quando o que de fato existe é uma realidade multiforme e complexa, caracterizada por inter-relações que são ao mesmo tempo antagônicas e complementares, e ainda, mergulhada em um contexto repleto de probabilidades ao invés de afirmações pontuais. Assim, o ensino deve preocupar-se em demonstrar que ao mesmo tempo que o ser humano pode

mostrar-se indiferente às misérias físicas e morais do outro, pode sentir piedade e comiseração ao ler um romance ou assistir um filme. Tal abordagem incentiva uma visão ampla do ser humano e não reducionista que desconsidere os múltiplos aspectos da condição humana. Desta forma, o autor também apresenta a importância de enfrentar as incertezas que fazem parte do indivíduo e de toda a humanidade. Compreender que o mundo é incerto e repleto de acontecimentos inesperados, conforme demonstram diversos fatos da nossa história, não significa compactuar com um ceticismo generalizado. Morin (2003) argumenta que ter consciência das incertezas do mundo reforça a ideia de um exercício contínuo de compreender-se a humanidade e suas inter-relações considerando os contextos e os múltiplos saberes, o que remete ao conceito de “cabeça bem-feita” que o autor desenvolve no segundo capítulo. Além disso, o pensador oferece três viáticos que podem contribuir para o enfrentamento das incertezas: a ecologia da ação (entendendo que a partir das interações e retroações com o meio em que os sujeitos estão inseridos, muitas probabilidades, nem sempre previsíveis, podem ocorrer); a estratégia (que opõe-se ao conceito de “programa”, uma vez que programa está associado à programação, ou seja aquilo que é previsível, enquanto a estratégia considera os acasos e as incertezas ambientais); e o desafio (compreendendo que a partir de um cenário conscientemente incerto associa-se à fé ou à esperança, reconhecendo os limites existentes que envolvem aspectos fundamentais da vida).

Nota-se como o autor constrói ao longo dos capítulos o raciocínio em torno da importância da educação, do ensino, da compreensão da condição humana e toda sua complexidade, para então, desembocar no capítulo sexto que irá considerar a participação da educação na autoformação dos indivíduos e como os mesmos devem proceder quanto cidadãos – que envolve solidariedade e responsabilidade com sua pátria (pelo menos em países democráticos). O autor problematiza então o que poderia ser entendido como pátria ou como nação, perpassando por diversos momentos históricos mundiais e concluindo que o Estado-nação caracteriza-se por sua natureza dupla e complexa: a nação é uma comunidade (que envolve costumes, valores, atitudes e identidade daquele povo) e ao mesmo tempo é sociedade (que pode abarcar relações, interesses e conflitos dado as múltiplas dimensões sociais e políticas das mesmas). Porém, o

autor sugere que essa visão de Estado-nação seja ultrapassada. Pois, os grandes problemas da contemporaneidade não prescindem de soluções multinacionais, continentais e até mesmo planetárias. Assim a consciência e o sentimento de que todos pertencem à Terra e assim essencialmente possuem a mesma identidade, permite religar aquilo que foi disperso durante os grandes embates históricos entre as nações, possibilitando também uma humanização global nessa era planetária. Defende o autor que, ao mesmo tempo em que a educação deve contribuir para a autoformação de cidadãos, deve também, permitir a associação de que cada ser humano possui uma identidade nacional, continental e planetária, e isso, contribuirá para o despertar de sentimentos que envolvam a solidariedade e responsabilidade em níveis globais.

O capítulo sétimo propõe-se a apresentar ideias práticas sobre possíveis forma de implementação das finalidades propostas no livro, valendo-se de ampla perspectiva e perpassando pelos três grandes graus de ensino – primário, secundário e universidade. Para Morin (2003), desde o ensino primário, a abordagem interrogativa deve fazer parte do processo de ensino como forma de compreensão do humano. Além disso, matérias que atualmente são vistas de forma isolada, (Física, Química e Biologia) em relação à outras dimensões do saber (sociais, psicológicos, históricos, entre outros) poderiam, através do ensino, associarem-se para uma compreensão global e contextualizada dos problemas humanos, sem perder, no entanto, suas particularidades e diferenciações. A aprendizagem também passaria a ser considerada a partir de duas vias: interna e externa. A interna estaria relacionada a autoanálise e autocrítica, enquanto que a externa poderia ser relacionada aos diversos conhecimentos mediáticos. Além disso, o autor não despreza que no primeiro grau, outras disciplinas fundamentais (ensino da língua, História e matemática) são imprescindíveis como base para a contribuição da autoconstrução do ser humano. No ensino secundário, o autor acredita que deve focaliza-se na questão da cultura. Isso significa não apenas o reconhecimento dos feitos científicos, mas também aqueles relacionados aos saberes das humanidades, e dessa forma, as ciências humanas seria otimizada, sendo orientada também para questões econômicas, sociais, individuais, históricas, imaginárias e mitológicas do ser humano. A universidade por sua vez, deve considerar sua missão transecular

que é ao mesmo tempo, conservadora, regeneradora e geradora. Ao invés de ter-se nas universidades as culturas das humanidades e as culturas científicas que apenas coexistam, o autor propõe algo além, onde possa existir uma verdadeira comunicação entre ambas, onde deve-se primar pela verdade em detrimento da utilidade (o que tem sido criticado de maneira recorrente em relação às pressões que universidades sofrem em relação às demandas econômicas e tecnicistas).

Para reformar o pensamento, que é uma de suas propostas fundamentais nesta obra, e que visa conseqüentemente novas formas de pensar o ensino e a educação, o autor inicia o capítulo oitava realizando uma reflexão crítica sobre a lógica clássica cartesiana, que caracteriza-se pelo reducionismo e também pela separação do conhecimento, e que serão os norteadores da consciência científica tradicional. Assim, Morin (2003) apresenta a necessidade de um novo pensamento, ou como ele considerou na obra *Introdução ao Pensamento Complexo*, de uma virada paradigmática (MORIN, 2015). Esse pensamento, defende o autor, deve considerar que o conhecimento das partes depende do todo e que, por sua vez, depende das partes; que ao invés de isolar os fenômenos, que possa reconhecê-los e examiná-los de forma multidimensional; que compreenda nas investigações que as realidades são solidárias e ao mesmo tempo conflituosas; e ainda, que respeite a diferença, reconhecendo sua unicidade, e portanto, caracterizando-se por ser um paradigma não excludente. Nesse sentido, Morin, apresenta sete princípios do Pensamento Complexo, que são complementares e interdependentes, e que consideramos que mereçam destaque por serem centrais em sua obra de maneira geral. **O princípio sistêmico ou organizacional**, propõe-se a ligar as partes ao todo. Tudo está conectado numa teia interminável de relações que fazem com que todos os elementos sejam interdependentes. O universo, a Terra e o humano são totalidades orgânicas e dinâmicas construídas pelas redes de interconexões que envolvem múltiplas diversidades. **O princípio holográfico**, inspira-se num holograma físico, onde o menor ponto da imagem do holograma contém a quase totalidade da informação do objeto representado, sendo assim, não apenas a parte está no todo, mas o todo está na parte. Nesse princípio, pode-se perceber que ocorre um deslocamento das partes (que estavam separadas) para as

conexões. **O princípio do circuito retroativo**, compreende a causalidade mútua, inter-relacionada, circular (retroativa e recursiva) e com incertezas. As mesmas causas não necessariamente produzem as mesmas consequências. A circularidade supera a ordem linear clássica. A ação de um sujeito repercute de forma não controlável e não previsível no meio e no sistema do qual faz parte. **O princípio do circuito recursivo**, entende-se como um processo em que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores do que os produz. **O princípio da autonomia/dependência (auto-organização)**, entende a realidade como auto-organizativa, mas que depende da energia do meio para estabelecer um tipo de equilíbrio dinâmico. O pensamento complexo é marcado pelo inacabado, é simultaneamente dependente e autônomo. Tudo está se renovando continuamente e que tanto influenciemos como somos influenciados. **O princípio dialógico**, busca associar ao mesmo tempo termos complementares e antagônicos, percebe-se assim uma lógica complementar e não excludente, uma vez que admite simultaneamente dois opostos. **O princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento**, é entendido como a reconstrução de outros conhecimentos, que dependem da cultura para se estabelecer, ou seja, são partes de um tempo e de um lugar ou então, se transformam em mecanismos de dominação. O emergir do Pensamento Complexo, alicerçado nos sete princípios aqui sucintamente expostos, apresenta-se como uma nova forma de pensar, e para além do pensamento teórico, torna-se um paradigma reformador que envolve até mesmo a compreensão da importância da solidariedade e da união para compreender e transformar tudo aquilo que se apresenta como um desafio para a natureza humana, e portanto, a sua aplicação destaca-se por envolver consequências existenciais, éticas e cívicas.

O capítulo que encerra esta obra reflete sobre os desafios de operar-se a reforma de pensamento conforme proposto por Morin (2003). Partindo de perspectivas tradicionais que irão reconhecer a resistência por parte de professores com seus hábitos disciplinares enraizados no tradicionalismo, bem como levando em consideração que, a necessidade de reformar as mentes pode esbarrar na inter-relação entre a sociedade e a escola, o autor aponta uma possível indagação: “Diante disso, como reformar a escola sem reformar a

sociedade, mas como reformar a sociedade sem reformar a escola?” (MORIN, 2003, p. 100). Demonstrando coerência a partir da perspectiva do pensamento complexo, o autor recorre ao princípio sistêmico, onde considera que tudo está interconectado, e ao mesmo tempo, recorda do princípio do circuito recursivo, pois se a sociedade produz a escola que produz a sociedade, então qualquer intervenção que promova a modificação em alguma das partes irá acarretar na modificação da outra. Então, Morin (2003) traz uma inspiração sobre a importância de iniciar-se a mudança, que certamente emergirá a partir de uma minoria de educadores que já tomaram consciência de sua missão e estão dispostos em contribuir para a regeneração do pensamento e do ensino. Para Morin (2003), o ensino, mais do que uma função e uma profissão, trata-se de uma missão e de uma arte, e que por sua vez, está associada ao amor e a fé na cultura e nas possibilidades dos seres humanos, revelando-se assim, uma elevada e difícil missão. Finalizando sua reflexão o autor ainda observa que essa reforma no ensino possibilitará a regeneração da laicidade e o nascimento de uma democracia cognitiva. Uma nova laicidade porque, a partir da perspectiva da complexidade, busca-se problematizar a ciência, a razão, a racionalidade fechada em si mesma, a técnica, afim de religar saberes que foram dispersos. E o nascimento de uma democracia cognitiva, porque ela será capaz de formar cidadãos capazes de compreender os problemas de sua época e enfrentar os desafios que lhes são apresentados. Assim, em seu último parágrafo, o autor salienta que essa reforma é fundamental para os cidadãos do novo milênio, ao utilizarem as aptidões mentais de forma plena e considerando a complexidades nos múltiplos contextos e inter-relações, o que seria uma condição essencial para sairmos da “nossa barbárie”, conforme a expressão do pensador.

### **Referências bibliográficas**

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.